



LINGUAGEM ORAL, ESCRITA E DIGITAL

Roberta Andréa dos Santos Colombo (UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, Brasil)

robertaandreacolombo@gmail.com

Andréa Macedo de Avila Baez Garcia (UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, Brasil)

deabaez@gmail.com

Mônica Cristina da Silva Andrade (UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, Brasil)

moniquinhacsa10@gmail.com

Resumo

Este trabalho tenciona analisar e mostrar como as diferentes linguagens – oral, escrita se adequam ao que chamamos de “digital” – que é a linguagem abreviada, rápida, muito comumente utilizada em redes sociais, e como estas diferentes línguas contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem escolar em um momento em que as tecnologias digitais estão cada vez mais inseridas na educação.

Mas como seria essa “Linguagem Digital”, e como ela pode relacionar-se com a Linguagem Oral e Escrita de modo que “o conteúdo, a mensagem” seja transmitida de modo coerente, devido diferentes especificidades de cada língua? O que podemos fazer para que nossos alunos, em meio às mudanças sociais e culturais que o país perpassa, aprendam as diferentes línguas, e aprendam a adequá-las em cada situação, além de torná-los mais críticos em relação ao que se fala ou escreve? Seja em uma modalidade presencial ou a distância, cada tipo de língua tem um papel importante na educação, e conseqüentemente, na vida social e profissional. Como os professores poderão contribuir para que as diferentes linguagens, cujas características são diferentes, possam ser utilizadas por seus alunos de modo eficaz, seja qual for o meio utilizado para esta comunicação?

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Digital. Linguagens

LINGUAGEM ORAL, ESCRITA E DIGITAL

Introdução

O ser humano necessita interagir com o meio em que vive, e para isso, utiliza a linguagem. Ainda que utilize uma linguagem não verbal, ou seja, a linguagem através de gestos, expressões, imagens, e outros signos, nós temos a necessidade de uma comunicação, de uma interação. Através da linguagem que organizamos esta comunicação, nosso pensamento, e expomos àquilo que pensamos.

A linguagem oral é mais abrangente neste processo, pois ela consegue atingir as diferentes diversidades linguísticas, visto que a linguagem escrita, mesmo quando inserida de um modo coloquial, precisa seguir as regras gramaticais, e a língua falada consegue atingir uma ramificação mais ampla, como a linguagem informal. Porém, é importante destacar que a linguagem oral não é mais completa que a linguagem escrita, ou o contrário, pois são distintas.

Para o linguista Luiz Antônio Marcuschi (2003, p. 17) “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. Essa visão do autor baseia-se na perspectiva interacionista, que aborda as relações entre fala e escrita sob o ponto de vista dialógico.

Mas onde entra, com isso, o que chamamos de “linguagem digital”? A Linguagem digital é um misto da oralidade e escrita, e utiliza-se também de signos não verbais, como *emotions*, por exemplo. Sabemos hoje, que uma simples resposta pode ser respondida com uma simples imagem digital. E o que fazer com estas diferentes, e tão complementares linguagens dentro do espaço escolar, uma vez que o professor precisa atender o desenvolvimento

do aluno na vida social e profissional dentro desse ambiente tão digital que o aluno está inserido?

Este trabalho tenciona analisar e mostrar como as diferentes linguagens – oral, escrita se adequam ao que chamamos de “digital” – que é a linguagem abreviada, rápida, muito comumente utilizada em redes sociais, e como estas diferentes línguas contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem escolar em um momento em que as tecnologias digitais estão cada vez mais inseridas na educação.

Para este fim, como referenciais teóricos, utilizamos uma bibliografia voltada aos estudos da área de educação, linguagem e tecnologia, com destaque para o professor José Moran, Maria Luiza Belloni, Marcuschi e Magda Soares.

1.Linguagem oral e escrita

A linguagem para Travaglia (1998, p.22), pode ser entendida como instrumento de comunicação, ou seja, como um meio objetivo para a comunicação. Por meio desta compressão de linguagem, a língua é vista como um código, isto é, um conjunto de signos (letras, sons, gestos) que se combinam segundo regras.

Podemos afirmar, para tanto, que a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de (re)produzir esta língua, não apenas para se comunicar, mas para algo mais amplo, como a interação social, o estudo, entre outros aspectos.

O que chamamos de Linguagem Oral é o que aprendemos desde quando começamos a falar, ou seja, é a linguagem falada. Antes da escrita, o conhecimento e a literatura eram transmitidos através da linguagem oral. Esta linguagem é chamada também de linguagem verbal.

Já a Linguagem Escrita, é aquela que compõe nosso pensamento no papel, na escrita digital, etc. A linguagem escrita, que também é chamada de

verbal, precisa atender às regras gramaticais, pois diferente da linguagem oral que geralmente se aproxima mais de uma linguagem coloquial, a linguagem escrita é formal, principalmente em um ambiente acadêmico ou profissional. Não podemos confundir, contudo, a linguagem oral com a linguagem escrita, pois a primeira é mais espontânea, e abrange diversos fatores linguísticos em sua totalidade, como por exemplo, as diferenças regionais. Já a linguagem escrita é um sistema organizado, que segue uma regra, uma norma, e precisa ser utilizada igualmente nas diferentes regiões do país.

A linguagem escrita possui características especiais, apresentadas por Marcuschi (2010, p. 22) como “um hibridismo mais acentuado” entre fala e escrita, pois a fala geralmente apresenta um caráter mais informal (mesmo em ambientes acadêmicos) do que a linguagem utilizada nos textos escritos, o que facilita a aproximação e a interação entre os participantes, embora a linguagem escrita necessite de uma linguagem formal, até porque os alunos precisam escrever seus trabalhos acadêmicos seguindo o padrão regido pela norma ortográfica.

A linguagem escrita é geralmente aprendida na escola, e diferente da linguagem oral, que aprendemos desde o “balbuciar”, com toda sua simplicidade, são diferentes, apesar de terem um grande objetivo: a comunicação. É preciso usar mecanismos para garantir ao interlocutor a compreensão do que se lê ou se ouve. Essa conexão é conhecida como coesão, que a qual permite uma ligação entre as partes de um texto, sejam eles palavras, frases ou parágrafos.

Essa conexão promove a construção do texto, e este texto deve seguir uma coerência, ou seja, uma sequência lógica das ideias do texto. Não basta ligar as frases com os parágrafos através de conetivos como as conjunções ou advérbios, é necessário que esta ligação mantenha uma lógica do que está sendo escrito, senão, o texto ficará coeso, mas sem coerência, ou seja, sem entendimento.

O texto deve ser visto como uma seqüência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma seqüência de frases de algum modo coesas. Com isto, entram, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de

produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de senti dos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas. (MARCUSCHI, 1983, p. 22):

É, pois, pela linguagem, seja ela oral ou escrita, que o professor cria estratégias que envolvem e motivam os seus alunos. Sendo assim, não basta que o professor domine a tecnologia, recurso este, tão utilizado hoje em dia para ministrar aulas e fomentar o processo ensino-aprendizagem. O professor também precisa, entre outros fatores, saber utilizar a linguagem, principalmente a escrita, de forma estratégica, de modo a produzir sentidos e a propiciar o envolvimento do estudante. Esta linguagem escrita, poderá tornar-se uma linguagem digital a partir de uma atividade escolar, e até mesmo, a partir de uma conversa informal através de uma rede social. Mas como o professor poderá relacioná-la com a vida social e profissional do aluno?

2. Mas o que seria a “linguagem” digital?

O advento da internet, o avanço da tecnologia e das mídias digitais, vem transformando o processo de comunicação. O discurso tem um novo formato com a introdução de novos símbolos e uma “nova” comunicação surge com a era digital, o que chamamos de “linguagem digital”. O internetês, característico da linguagem digital, se tornou um idioma próprio do mundo virtual, trazendo palavras e caracteres próprios, além de figuras que expressam de forma ágil e clara, sentimentos e situações, promovendo a interatividade entre as pessoas. A linguagem dos internautas tem como forte influência a utilização de expressões abreviadas, a fim de que a mensagem seja rápida e informal, e é de grande importância saber quando e onde podemos utilizar este tipo de comunicação.

Essa nova linguagem acompanha o estilo da sociedade contemporânea, que precisa ser ágil e está sempre conectada, que precisa enviar a mensagem de forma rápida e clara. Nesse contexto, pela agilidade na forma de comunicação, a linguagem digital, de certa maneira simplificada, apresenta novos gêneros digitais, e utiliza-se constantemente de abreviações, siglas e

figuras para representar emoções como os *emoticons* e os *emojis*, que a um simples teclar, demonstra o que se quer dizer. Segundo Paiva (2016):

O crescente uso dos emojis é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica em determinados contextos de interação, mas, ao mesmo tempo, fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções.

Concomitantemente, Pereira e Moura (2005, p. 76), destacam:

os internautas utilizam também as teclas, como: os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, os colchetes, o zero, os sinais de 'maior' e 'menor' etc, que, 5 conjugados (formam expressões de alegria, tristeza, abraços, beijos, sono, entre outras) são utilizados, pelos interlocutores, com o objetivo de representar, durante a dinâmica do diálogo que se trava, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa oral face-a-face.

Paiva (2006) ainda declara que “as imagens são sempre mais fortes, e que é muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo “eu te amo”. Não enviamos mais cartas, mas e-mails; não enviamos mais cartões de felicitações em datas festivas, mas usamos o *facebook* como canal; o telefone foi substituído por conversas no *wathsapp*, *chats*, fóruns. Somando-se a esse universo digital, ambientes digitais como *blogs*, *twitter*, *linkedin* e outros, segundo Vilaça (2012), “é um processo gradual de migração de práticas sociais presenciais (off-line) para práticas virtuais (online).”

Diante desse novo cenário de comunicação, quais mudanças surgem com a linguagem digital? Quais transformações a sociedade tem vivenciado desde o advento digital? Nesse contexto Vilaça (2012) aponta que “esta cultura tem implicações claras nas formas de trabalho, no consumo, na formação profissional, nos meios de interação, na educação, sem apresentar uma lista mais numerosa”.

Nesse contexto, como fica a educação? Como desenvolver ensino e aprendizagem, transmitir conhecimento para essa nova geração que nasceu na era digital? Em salas de aula professores se deparam com alunos de posse de seus celulares, *tablets*, *notebooks*, sempre conectados, pois afinal, as

Tecnologias de Comunicação e Informação (TICS) estão presentes em grande parte das famílias.

É fato que a linguagem digital, vem transformando a comunicação em todos os setores, mas analisando especialmente a educação, a área acadêmica, com normas e padrões a serem seguidos de forma rígida em diversos trabalhos, como por exemplo, as normas da ABNT e as regras ortográficas, como um professor deve orientar uma geração de alunos que estão 24 horas do dia conectados, que tem acesso fácil e rápido à informação, que se comunicam rapidamente, e por conta dos símbolos e abreviações advindos da linguagem digital, estão imersos em uma forma de comunicação cada vez mais informal?

Os educadores não tem como ignorar a era digital e as novas formas de comunicação. As formas de aprendizado no tempo e espaço também estão em transformação, porém a linguagem oral e a linguagem escrita formal, não podem ser substituídas, pois não há como utilizar abreviações, *emoticons* e *emojis* em artigos, monografias, dissertações e teses, assim como também precisamos evitar o uso no meio corporativo, salvo algumas exceções.

Sendo assim, tanto para o ensino nas escolas, quanto para o consumo digital consciente, seguimos com a afirmação de Vilaça (2012), quando aponta que “é necessário ter em mente que a mensagem que circula no meio digital precisa ser adequada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma.”

O professor precisa adequar-se à realidade digital, mesmo que ele não possua cursos na área, pois não somente no ensino presencial, e com maior destaque na Educação à Distância, a utilização das ferramentas digitais proporcionam além de pesquisas e novas formas de aprendizagens, discussões e interações entre alunos e professores, tais como: fóruns de discussão, chats, podcasts, vídeos, web conferências, entre outros recursos, levando o professor a adotar uma nova postura na linguagem digital, a buscar entendimento e conhecimento das ferramentas, entendendo que o aluno não está presente fisicamente, porém virtualmente, e que os objetivos e resultados esperados no processo de ensino e aprendizagem no ensino presencial,

devem ser esperados também no ensino à distância. Deste modo, a adequação da linguagem, mesmo com o uso da tecnologia, deve estar no mesmo contexto da linguagem escrita e da linguagem oral, pois estarão em um espaço acadêmico, local em que permanece a norma culta da Língua, até mesmo para desenvolvimento intelectual e profissional. Por isso, tão importante adequar a linguagem para o momento em que estiver inserindo-a dentro de um contexto.

Ferramentas de ensino-aprendizagem no âmbito online fomentaram um impulso para que o conhecimento fosse disseminado na Educação. Tecnologia e instrução se unem com o intuito de facilitar novos métodos de estudo. O professor tem papel de mediador e orientador de ensino, ajudando o aluno a criar um entendimento entre a teoria e sua aplicabilidade no mundo real, através da utilização de instrumentos de capacitação, oferecendo recursos tecnológicos e criando o sendo crítico e analítico para o aluno trabalhar com as distintas e complementares linguagens.

3. Considerações finais

As mídias sociais e a internet encurtaram fronteiras, expandiram a globalização e alteraram comportamentos. Por um lado, é possível conversar com pessoas do outro lado do mundo, mas como efeito negativo deste advento virtual, os relacionamentos se distanciaram. Além disso, por estar constantemente conectado, é muito difícil saber o momento de ficar offline e se dedicar aos indivíduos que se encontram próximos fisicamente.

A linguagem atravessa barreiras de forma a comunicar e unir povos e diferentes gerações. A linguagem oral por ter uma conotação mais informal e ser mais espontânea acaba por, em sua emissão, aproximar-se do receptor. A linguagem oral é acessível a todos, pois não exige escolarização; com isso, pode por vezes ser mais simplória com um vocabulário modesto e reduzido. Entretanto, pode oferecer ganhos em sua compreensão, pois há a utilização de gestos, expressões faciais e da forma postural.

A linguagem escrita demanda mais tempo, preparo e formalidade por parte do emissor. Ela necessariamente depende da interpretação do receptor e, desta forma, pode causar equívoco no entendimento e análise do que se está tentando fazer compreender na mensagem transmitida. Este tipo de linguagem tem como ponto forte o planejamento na hora de colocar os pensamentos e ideias no papel, podendo-se revisar o conteúdo e corrigir possíveis falhas, inúmeras vezes.

Com o progresso da tecnologia, surge a linguagem digital, através da conectividade, possibilitando o acesso a toda e qualquer tipo de informação em tempo real. A agilidade é uma forte característica dessa linguagem, e assim, surgem as abreviações, emoticons e utilização de imagens e símbolos, fazendo com o que o recado enviado possa ser compreendido e, muitas vezes, expressar melhor uma determinada situação. Entretanto, no mundo acadêmico e profissional, a linguagem digital deve ser usada com parcimônia, pois esta pode causar dubiedade de entendimento.

No mundo acadêmico, cabe ao professor incluir em suas práticas docentes o desafio de educar nesse novo universo em que as linguagens oral e escrita se unem a linguagem digital. O Ensino à Distância impulsionou o acesso à educação a pessoas que por vezes não conseguiam estudar, lhes possibilitando o aprendizado em qualquer lugar e a qualquer momento.

Na plataforma de aprendizagem virtual, cabe ao aluno gerir seu tempo e forma de estudo, ditando seu próprio ritmo de cognição do material a ser estudado. O professor direciona ao conteúdo, tira dúvidas, mas o grande autor dessa história de aprendizagem, é o próprio aluno em que só ele tem a função de escrever esse caminho. Devido as constantes inovações e velocidade de atualização da informação, o professor precisa de capacitação para atender a estas transformações que adentram a sala de aula e o cotidiano do aluno.

Qualquer tipo de modalidade de ensino, seja presencial ou virtual, o professor pode obter grandes benefícios por utilizar-se dos meios digitais para assim impulsionar a transmissão do conhecimento, através de metodologias ativas que irão ajudar o aluno no seu aprendizado. O docente deve estar atento

com as expressões informais na linguagem digital, que por se tratar de um ambiente acadêmico, requer que certas normas sejam seguidas.

Apesar das diferenças apresentadas em cada uma das linguagens aqui citadas, não podemos afirmar que uma é mais importante que a outra. Todas têm seu grau de importância, e em muitas ocasiões, uma depende da outra para se concretizar alguma tarefa ou comunicação. São necessidades diferentes e todas tem seu merecido espaço para serem usadas, dependendo do resultado esperado. Vale a pena sempre lembrar que o uso da linguagem está ligado diretamente à cultura, e até mesmo à diferença de idades, escolaridades, etc. É preciso lembrar que a língua é viva, e que a linguagem estará sempre se desenvolvendo, cabendo ao emissor saber adequá-la para que o receptor entenda a mensagem, seja ela oral, escrita ou digital.

O grande desafio da linguagem nos dias atuais é o compromisso com a língua, onde a leitura deve ser constante, o uso correto da linguagem oral nos diálogos do dia-a-dia, o exercício diário para com a escrita e o uso da ética e da cidadania nos meios digitais, através de uma linguagem coerente, embasada, tolerante e respeitosa.

4. Referências bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. São Paulo: Autores Associados, 2009.

LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística textual, o que é e como se faz*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. Série Debates, 1983

_____. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. In XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010

MORAN, José Manuel. *Textos sobre Tecnologias e Comunicação* in www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm São Paulo: Loyola, 2003.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *A Linguagem dos Emojis*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132016000200379&script=sci_arttext. Acesso em: 18/09/2018.

PEREIRA, Ana Paula M. S. MOURA, Mirtes Zoé da Silva. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola – Uma perspectiva social*. 17ª edição, São Paulo: Ática, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1998.

Tecnologia, sociedade e educação na era digital [livro eletrônico]/ Márcio Luiz Corrêa Vilaça, Elaine Vasquez Ferreira de Araújo (Organizadores). – Duque de Caxias, RJ : UNIGRANRIO, 2016. 300 f.:il.; eBook.